ISSN: 2358-8829

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA – UM RELATO DE SALA DE AULA

Aldaberon Vieira do Nascimento [1]

RESUMO

A gravidez na adolescência é um problema social que está presente em todas as classes e reflete diretamente no processo educacional. Tal problema envolve além da família e da escola, outros setores como saúde, assistência social e segurança alimentar. Com o objetivo de analisar a situação da gravidez na adolescência, indicando consequências para a vida da adolescente grávida e o impacto dessa intercorrência nas relações familiares, sociais e escolares. Este Relato nos conduz a um espaço de discussão acerca da temática na escola tendo alunas(os) como protagonistas no cenário que não exclui-se da instituição, haja vista a presença de adolescentes grávidas no âmbito escolar. Nota-se uma omissão da escola na orientação sobre a sexualidade no currículo oficial, mesmo observando no currículo oculto muitas informações que chamam atenção por ter na comunidade escolar uma diversidade de referências sobre o assunto. Este trabalho constitui um Relato de Experiência calcado na realização de uma Oficina Temática e fundamentada em Documentos Oficiais e autores que discutem o assunto e mostram que a escola, a família e a sociedade devem tratar a sexualidade de forma clara e objetiva para assegurar uma redução no número de adolescentes que engravidam muito cedo prejudicando o processo de ensino e aprendizagem. O espaço da Oficina trouxe inquietações, pontos de vista e relatos de adolescentes que se dividem entre vivências, (des)informações e anseios de sua sexualidade, e propõe-se uma arena para novos debates e embates.

Palavras-chave: Gravidez na adolescência, Sexualidade, Escola, Família, Currículo.

INTRODUÇÃO

A gravidez na adolescência é um problema social que está presente em todas as classes sociais, no entanto, atinge de forma mais direta as famílias mais pobres. Quando tal fato acontece reflete diretamente no processo educacional que passa a ter uma aluna a menos em sala de aula e uma dificuldade a mais para a adolescente.

Como problema social a gravidez na adolescência envolve além da família e da escola, outros setores sociais como saúde, assistência social e segurança alimentar. O que indica que algum aspecto falhou resultando em tal situação, haja vista a função das políticas públicas de preservar a vida.

A escolha da temática justifica-se pela presença de alunas grávidas na escola nos anos finais do Ensino Fundamental e ausência dessas alunas das aulas e consequentemente da escola,

[1] Doutor em Ciências da Educação pela *Veni Christian University*. Especilização em Gênero e Diversidade na Escola-GDE pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB. Professor da Secretaria Municipal da Educação de Lagoa de Dentro-PB , aldaberonvn@hotmail.com.

ISSN: 2358-8829

o que estar diretamente ligado a uma série de contextos como vergonha, falta de apoio, insegurança dentre outros e sintomas básicos da gravidez como enjoos, sonolência, desconforto e algumas limitações.

A proposta do trabalho tem como objetivo analisar a situação da gravidez na adolescência, indicando consequências para a vida da adolescente grávida e o impacto dessa intercorrência nas relações familiares, sociais e escolares. Além de refletir sobre as possíveis consequências de uma gravidez não planejada na adolescência; despertar as(os) alunas(os) para os riscos de uma gravidez na adolescência, métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis; e possibilitar, as(aos) alunas(os), um maior conhecimento sobre as implicações, responsabilidades, precauções e angústias de uma gravidez não planejada.

Este Relato nos conduz a um espaço de discussão acerca da temática na escola tendo alunas(os) como protagonistas no cenário que não exclui-se da instituição, haja vista a presença de adolescentes grávidas no âmbito escolar.

Diante da vivência em sala de aula, nota-se uma omissão da escola na orientação sobre a sexualidade no currículo oficial, mesmo observando no currículo oculto muitas informações que chamam atenção por ter na comunidade escolar uma diversidade de referências sobre o assunto.

Este trabalho constitui um Relato de Experiência calcado na realização de uma Oficina Temática e fundamentada em Documentos Oficiais e autores que discutem o assunto e mostram que a escola, a família e a sociedade devem tratar a sexualidade de forma clara e objetiva para assegurar uma redução no número de adolescentes que engravidam muito cedo prejudicando o processo de ensino e aprendizagem. Além de ponderar que a proporção de gravidez entre estudantes de escolas públicas é consideravelmente maior do que na rede privada.

Dados da 5ª edição da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE, produzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE em parceria com o Ministério da Saúde e com o apoio do Ministério da Educação - MEC, em 2024, publicada em maio de 2026 registrou que 121 mil meninas de 13 a 17 anos de idade já engravidaram alguma vez, representando 7,3% daquelas que já iniciaram a vida sexual.

Quanto ao tipo de rede de ensino, a PeNSE avaliou que em 2019, o percentual de gravidez nas adolescentes da rede pública, 98,7%, era quase três vezes maior que o valor observado na rede privada. Já em 2024, essa relação aumentou para oito vezes.

A realização de uma Oficina Temática deu-se com duas turmas de 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Senador Ruy Carneiro, do município de Jacaraú no interior da Paraíba, onde atuo como professor de História.

ISSN: 2358-8829

A efetivação da Oficina sobre gravidez na adolescência se deu a partir da observação do comportamento das minhas alunas e dos meus alunos que estão na fase da adolescência e vivenciando a sexualidade com todas as turbulências que esta fase apresenta e os desejos despertados pela ebulição dos hormônios tanto nas meninas quanto nos meninos.

As conversas, os relatos, as brincadeiras de cada um(a) na sala de aula e na escola nos horários em que se encontram, os namoros que alguns já estão assumindo, o "ficar", o início da prática sexual que já faz parte da vida delas(es) e a gravidez de uma aluna chamaram a atenção para a forma como a escola lida com o assunto.

A escola é uma instituição fundante na formação de valores e na defesa da cidadania dessas(es) adolescentes, mas se comporta de forma neutra quanto a sexualidade. Não há planejamento para tratar a sexualidade de forma direta. Muitas vezes por que não faz parte do currículo oficial, outras por que as(os) profissionais não se sentem seguras(os) e/ou capazes de lidar com o assunto e preferem silenciar ou reprimir.

> Apesar de toda a evolução dos tempos, [...] é claramente notada a dificuldade que as professoras (e os professores) enfrentam ao discutir todo e qualquer aspecto referente à sexualidade, tendo como base para isso, tabus, mitos e preconceitos cultivados ao longo de séculos (BATISTA, 2008, p. 91).

E ainda, há a negligência das universidades que não formam para lidar com a temática na educação básica.

Contudo, "a escola não pode se negar a cumprir o seu papel na formação da cidadania, do respeito à singularidade e às diferenças de cada estudante", defende Santos e Felipe (2018, p. 15). As autoras contribuem para a discussão de como a escola deve se comportar quando a sexualidade das(os) nossas(os) alunas(os) vão além da vestimenta, do uso do banheiro, da proibição do namoro no ambiente escolar, do vocabulário usado pelos sujeitos que constituem tal ambiente.

A escola limita-se a falar de inclusão apenas nos casos de alunos(as) atípicos(as) e ignora que as questões de sexualidade também são temas de inclusão da/na escola. Desta forma, não se pode negar a ausência de formação específica nas formações ofertadas pela Secretaria de Educação. Nesse sentido, talvez as instituições educacionais ainda não tenham compreendido que silenciar sobre essa temática reflete numa série de conflitos como preconceito, discriminação, desistência de estudar e fracasso.

Logo, a gravidez das alunas entra nesse rol, haja vista as consequências que este fato provoca na vida de uma adolescente. Sobretudo na questão familiar, pois de acordo com Batista, "(...) a família é que primeiramente educa sexualmente, utilizando-se de diferentes formas, um

ISSN: 2358-8829

simples olhar, uma conversa, um abraço, assim como o afastamento, o silêncio ou até mesmo a repressão (2008, pp 93/94)".

De acordo com Vianna, a partir da luta de movimentos sociais o MEC, em 2005, criou

> o programa Educação e Gravidez na Adolescência, dirigido à inclusão da educação sexual e dos direitos sexuais e reprodutivos e da saúde sexual e reprodutiva nos contextos escolares, com foco na gravidez na adolescência e no fomento de formação docente, pesquisas acadêmicas, elaboração e distribuição de materiais didático-pedagógicos sobre o tema (2018, p. 86).

No entanto, o programa não chegou efetivamente às escolas. De modo, que nós profissionais, que estamos diretamente ligados ao espaço educativo não temos formação sobre a temática e não vemos chegar ação alguma para as(os) alunas(os) e as famílias.

A falta de diálogo aberto sobre a sexualidade nas famílias e nas escolas contribui significativamente para um cenário em que os(as) jovens sem orientação adequada ficam mais vulneráveis a informações incorretas, que podem levar a comportamentos ditos de risco.

Contudo, mesmo que a falta de diálogo aberto nas famílias e nas escolas sobre sexualidade contribua para o aumento de tais comportamentos, essa relação não deve simplesmente ignorar o contexto cultural que permeia a sexualidade envolta em tabus principalmente no que tange as diferenças de gênero. Diferença essa construída histórica e socialmente associando a sexualidade feminina à repressão e ao controle, enquanto estimula e normaliza a masculina.

Essa diferença é fruto da sociedade patriarcal que ainda cultua-se. De forma que "a falta de diálogo em casa e a abordagem limitada nas escolas, focada apenas em aspectos biológicos, deixam os jovens vulneráveis e mal preparados para lidar com as consequências de uma vida sexual ativa. (CORREIA, 2024, p. 37).

"[...] desde cedo os meninos são incentivados a se iniciar sexualmente, para provar sua masculinidade, enquanto as meninas são estimuladas a se conter, a atender às regras sociais que determinam que o recato é o comportamento feminino adequado [...] (BRASIL, 2009, p 33)." Entretanto, nas últimas décadas as mulheres demonstram com suas atitudes sociais que os tempos são outros.

A iniciação sexual é uma experiência desigual para meninos e meninas se considerarmos, principalmente, características como: a primeira vez com o(a) parceiro(a), a primeira vez do(a) parceiro(a), diferença de idade do(a) parceiro(a), se o(a) parceiro(a) estuda(va), lugar em que conheceu o(a) parceiro(a).

ISSN: 2358-8829

Deste modo, é cada vez mais urgente a escola e a família buscarem orientar crianças e adolescentes sobre a sexualidade, a família muito além de falar com quem deve ou não deve andar e a escola muito além do que explicita o seu currículo oculto.

Costa e Freitas mencionam que:

> A gravidez precoce é um resultado multifatorial que envolve questões familiares, sociais, culturais e educacionais. Esse problema atribuído única e exclusivamente a imprudência de adolescentes e ao descuido dos responsáveis, perpassa o âmbito familiar, figurando um problema social e de Estado, uma vez que ocorre por uma série de elementos (2020, p. 67).

Tais elementos precisam ser considerados em âmbito geral, pois o que reflete na escola é reflexo de todo contexto social em que os(as) adolescentes estão inseridos. Desta forma, a escola é uma instituição onde os(as) profissionais das diversas áreas do conhecimento e de atuação que constituem a comunidade escolar devem ter orientação, formação para lidar com a sexualidade de maneira a ajudar os(as) estudantes a entender os alertas, riscos e perigos presentes nas relações que envolvem a sexualidade.

METODOLOGIA

A Oficina Temática ‘Gravidez na Adolescência – e agora?’ aconteceu com duas turmas de 9º ano nas quais dou aula de História na Escola Municipal de Ensino Fundamental Senador Ruy Carneiro, no município de Jacaraú, Paraíba. A escola está localizada na sede do município, e oferta os anos finais do ensino fundamental.

São duas turmas de 9º ano no turno matutino. Somando 53 alunas(os), sendo meninas e 32 meninos. A faixa etária varia de 14 a 16 anos. Sendo a maioria residente na cidade.

A Oficina foi desenvolvida entre os dias 22 e 27 de julho do ano em curso, totalizando quatro aulas de 45 minutos em cada turma. No primeiro momento, foi projetada uma apresentação em Power Point contendo informações sobre a temática e provocando um diálogo com as turmas.

No segundo momento, houve uma atividade em grupo. Dividi as turmas em 5 (cinco) equipes e distribuí para cada equipe uma questão-problema, Quadro 1, para estudo de caso. A equipe deveria ler e discutir o problema e em seguida apresentar para a turma o resultado da discussão. Apresentadas as discussões, foi feita uma avaliação das falas de cada equipe e pontuada algumas considerações.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando o contexto que provocou a realização da Oficina Temática ponderamos a presença de alunas adolescentes grávidas na escola. O fato serviu para enriquecer a discussão e avaliar as opiniões sobre o assunto.

Logo, o quadro abaixo apresenta as questões-problemas propostas e um resumo das reflexões das equipes.

Quadro 1. Questões-problemas apresentadas na Oficina Temática Gravidez na adolescência - e agora?

Precisava provar que amo meu namorado, não pensava em engravidar, mas... *M. A., 15 anos*.
✓ Foi muito errado o que ele fez, querer demonstrar amor transando. Não era preciso ela demostrar amor através do sexo. Ele poderia ter um pouco de maturidade para evitar a gravidez da menina. ✓ Da parte da menina foi errado de ter dado o que ele queria e agora acabou engravidando. ✓ Ela não devia fazer sexo com ele, por que já deveria saber que ele não prestava, e talvez ele não queira assumir o filho.
Para implicar com meu irmão, namorei um cara que ele não gosta... aí já sabe... engravidei. *S. M., 16 anos*.
✓ ... foi muito errado. Ela foi infantil quando quis mostrar ao irmão que era responsável o bastante para fazer atos sexuais. ✓ ... o irmão não poderia ter falado nada para evitar o acontecido. ✓ Ninguém obrigou ela a fazer isso... ✓ É errado da parte dela, por que ela tinha uma vida linda pela frente, mas ela fez isso só para contrariar o irmão e agora precisa lidar com as consequências. ✓ Ela deveria ter consciência por que ela é menor de idade.
Não aguentava mais viver na minha casa, arranjei um namorado mais velho e transei pra ficar com ele. Mas não queria ter filho. *J. V., 16 anos*.
✓ Por mais incrível que pareça, esse cenário é mais comum do que parece, e devemos saber disso. ✓ O que deveria ser feito era usar proteção e fazer com amor e com uma pessoa de confiança. ✓ A falta de diálogo com os pais, é uma atitude por impulso.
Consegui *roubar* o namorado de outra menina. Como ela *dava*, tinha que *dar* também. *U. P. S., 14 anos*.

✓ Pode se perceber o quanto isso pode influenciar as adolescentes com a frase “Como ela *dava*, tinha que *dar* também”. Com isso, acontecimentos como gravidez na adolescência podem se tornar mais presentes hoje em dia. A mente dos(as) adolescentes está em desenvolvimento, por isso é importante a comunicação entre pais e filhos. ✓ Devemos respeitar os relacionamentos e os sentimentos das outras pessoas.
Meu pai pensa que manda em mim, aí eu transei e deu no que deu. G. O., 14 anos.
✓ Ela foi muito imatura e sem inteligência ao passar por cima da ordem de seu pai. O ideal seria esperar até o casamento ou se cuidar para não engravidar, até porque com 14 anos não se tem condições de criar uma criança.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Nas respostas e discussões realizadas pelas(os) alunas(os) conseguimos identificar um pouco de maturidade em algumas falas, imaturidade em outras e também alguns reflexos do que nós podemos classificar como consequências da educação recebida em casa, bem como as influências de outros grupos sociais.

Em um relacionamento é preciso avaliar possíveis consequências de decisão tomada sem pensar no desfecho. Talvez, não seja o caso de apontar culpados(as), mas de buscar enxergar todos os caminhos que podem levar a algo indesejado posteriormente. [...] a gravidez precoce é resultante de uma gama de fatores interligados entre si, cujas raízes se entrelaçam em diversos aspectos da vida adolescente. (CORREIA, 2024, p. 17).

Na primeira questão, percebe-se, ainda um jogo articulado resultante do machismo estrutural presente na sociedade quando o sexo passa a ser uma demonstração de amor ao homem. A mulher, nesses casos são as mais prejudicadas, haja vista as consequências de tais ‘demonstrações de amor’. Não é concebível na atual conjuntura que esse tipo de comportamento ainda aconteça.

As relações, principalmente, as sexuais devem acontecer com responsabilidade e maturidade para evitar resultados inesperados ou que machuquem um dos pares. Nas relações familiares é corriqueiro irmãos(ãs) discutirem, provocarem um ao outro. No entanto, não se pode chegar ao ponto de um(a) achar que namorar e/ou transar é um ato simples que pode ser usado para provocar ou para implicar com alguém da família.

Com relação a segunda questão, nesse contexto, a família deve estar sempre atenta e vigilante para desdobramentos como o apresentado. Um(a) adolescente de 16 anos já consegue avaliar as consequências de seus atos. “Ninguém obrigou ela a fazer isso...” Esta fala do grupo

ISSN: 2358-8829

nessa questão deve ser avaliada do ponto de vista, também, de que o fato não é apenas de ela não ter sido obrigada, mas da responsabilidade do menino de assumir uma incumbência que também é dele. Ambos deveriam pensar nas consequências de seus atos.

É preciso pensar em uma relação sexual onde resulta numa gravidez que não foi um ato individual. Houve uma parceria. Eram duas pessoas com um desejo. Então, mesmo que ela não tenha sido obrigada, ele também é parte responsável.

Nas respostas emitidas a terceira questão, chama atenção uma situação bem recorrente na adolescência ainda na atualidade: o envolvimento com um parceiro mais velho. E dois pontos citados despertam para a orientação devida às(aos) adolescentes e jovens. O diálogo ou falta dele com a família e a proteção para evitar a gravidez e não só isso, mas uma eventual infecção por IST (Infecção Sexualmente Transmissível). "As mulheres engravidam de parceiros mais velhos que elas (35% de 2 a 4 anos e 39% 5 anos e mais) e em relacionamento de namoro, seja com o primeiro parceiro sexual, ou outro considerado estável (BRASIL, 2009, p. 40)."

O diálogo com a família é um ponto crucial e não pode ser colocado em segundo plano. É a família quem deve primeiro orientar, conversar sobre a sexualidade. Logo, é preciso que haja políticas de orientação e formação para que as famílias se sintam capazes de orientar seus filhos e filhas sobre como lidar com a sua sexualidade. "Portanto a educação sexual é um processo que se inicia num contexto mais íntimo e familiar e se desenvolve durante toda a vida, corrobora Batista (2008, p. 94)."

Por sua vez a escola, também tem um papel muito importante nessa formação. "A escola é o lugar por excelência do aprendizado do convívio social, e o(a) professor(a) é uma referência na vida das crianças, adolescentes e jovens [...]. É inegável a importância da escola, na disseminação de informações científicas sobre sexualidade e reprodução (BRASIL, 2009, p. 45)."

A escola desponta como uma das principais fontes que podem orientar e informar sobre gravidez (na adolescência), sobre relação sexual, além de prevenção contra ISTs. Deste modo é importante falar sobre esses assuntos não apenas em datas sazonais, mas sobretudo no cotidiano de casa e da escola, nesta por todos(as) os(as) professores(as), independente do componente curricular que leciona.

A quarta questão, reflete a opinião do grupo da questão 3 quando relaciona a família quanto a importância na comunicação entre pais e filhos(as). É pertinente a opinião de adolescentes sobre o comportamento de adolescentes.

Não se pode normalizar uma situação em que haja a possibilidade de uma menina ter relação sexual com o parceiro, apenas por que no relacionamento anterior havia uma relação

ISSN: 2358-8829

sexual com a companheira. A questão ‘respeito’ apresentada pela equipe denota maturidade, pois é essencial em uma relação sexual ou afetiva, ou em qualquer relação que mantenha-se um respeito mútuo e contínuo.

Por sua vez, na questão cinco prevalece os princípios de valores e maturidade. O respeito aos pais passa pela formação/educação que deve, sobretudo ser mantido no seio familiar e a questão de maturidade que também é reflexo da orientação da família que leva para a escola. Nesse sentido, é indispensável o diálogo entre as duas instituições como grupos sociais que mantém papel imprescindível no desenvolvimento humano em qualquer fase da vida.

Desta forma, reflete Nascimento:

> O envolvimento dos pais na educação dos filhos pode ser prejudicado por falhas de comunicação com a escola e pela desvalorização do papel da família no processo educacional. A parceria entre família e escola é essencial para garantir o bem-estar e o sucesso dos alunos, uma vez que a educação é uma responsabilidade coletiva (2024, p. 7).

A sociedade não pode ser pensada de forma isolada. Os diversos grupos sociais que a compõem são corresponsáveis pela formação de seus atores. A educação instituída pela família e reforçada pela escola deve ultrapassar os muros, uma vez que todos os agentes sociais são responsáveis por educar socialmente.

A autora acrescenta que “é essencial que os professores construam uma relação de respeito e parceria com as famílias, reconhecendo suas contribuições e estimulando sua presença no ambiente escolar (NASCIMENTO, p. 8).”

As questões sobre sexualidade passam por esse viés. Logo, é fundamental que a educação sexual faça parte do currículo escolar muito além da forma oculta como aparece. As instituições que gerenciam as escolas e a educação de forma geral têm o dever de investir em formação e material que possam agregar a sexualidade para termos pessoas mais bem informadas sexualmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço da Oficina trouxe inquietações, pontos de vista e relatos de adolescentes que se dividem entre vivências, (des)informações e anseios de sua sexualidade, e propõe-se uma arena para novos debates e embates.

Nesse sentido, os(as) alunos participantes da Oficina Temática demonstraram entendimento da nossa proposta ao declararem conhecimento prévio sobre a sexualidade ao responderem as expectativas provocadas nas questões-problemas e nas discussões durante a

apresentação do assunto reconhecendo possíveis danos causados por uma relação sexual sem orientação.

Mesmo a família e a escola não educando de maneira síncrona percebemos que os(as) alunos(as) discernem as consequências de uma gravidez não planejada e como tal figura nas relações sexuais entre adolescentes. Desta forma, é imprescindível, a abertura de espaços que eduquem, também para a sexualidade.

Ainda na adolescência é possível meninos e meninas compreenderem os riscos de uma gravidez, bem como de uma infecção causada pela falta de orientação e do uso de métodos contraceptivos numa relação sexual. Os apontamentos registrados pelos(as) alunos(as) demonstram o senso crítico deles(as) ao lidar com o assunto. Contudo, não se pode retroceder em temas como formação e orientação à família e a escola.

A efetivação da Oficina constitui que a formação é parte importante e portanto, indispensável para o desenvolvimento de uma educação que possa englobar a diversidade de temas que circundam adolescentes em casa e sobretudo na escola.

Não podemos conceber a gravidez de adolescentes como um problema social e permitir que se naturalize. A escola não pode assistir a cenas de meninas protagonizando evasões, desistências e ausências no cenário escolar. Perdas irreparáveis, conflitos pessoais e sociais, culpabilidade não podem se tornar coadjuvantes de vidas em desenvolvimento por ausência e omissão de (in)formação.

A escola é por excelência espaço de construção de cidadania. E se constitui com união dos diversos atores. Deste modo, esperamos que a discussão proposta neste texto possa orientar outros profissionais e outros espaços a incluírem educação sobre sexualidade no currículo escolar.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Cláudia Aparecida. **Educação e sexualidade: um diálogo com educadores**. São Paulo. Ícone, 2008.

BRASIL, **Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de Conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009.

BRASIL, **PeNSE 2024: adolescentes estão adiando a iniciação sexual.** Disponível em: < https://educa.ibge.gov.br/professores/educa-noticias/23245-pense-2024-adolescentes-estao-adiando-a-iniciacao-sexual.html>. Acesso em 12 set 2026, às 18:53.

CORREIA, Gabriella Aparecida Santos. **Gravidez na adolescência e impactos na vida escolar: uma revisão sistemática**. São Cristóvão, 2024. Monografia (graduação em Serviço Social) – Departamento de Serviço Social, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2024. Disponível em:< https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/21656/2/Gabriella_Aparecida_Santos_Correia.pdf>. Acesso em 4 set 2026, às 17:44.

COSTA, Marli Marlene Moraes da; FREITAS, Maria Victória Pasquoto de. Gravidez na adolescência: quem são os verdadeiros culpados?. **Revista sobre a infância *y la*adolescência**. Santa Cruz do Sul. v. 19, p.62-78, 2020. Disponível em: <https://riunet.upv.es/bitstream/handle/10251/153876/da?sequence=1>. Acesso em: 4 set 2026.

NASCIMENTO, Denise Teodoro de Souza. Gestão escolar frente ao desafio da gravidez na adolescência: Um estudo de caso em duas escolas dos municípios de Artur Nogueira e Cosmópolis - SP- Brasil. Disponível em: < https://periodicos.institutoiesa.com/index.php/avancoseolhares/article/view/162>. Acesso em 4 set 2026. Às 18:04.

SANTOS, Agilcelia Carvalho dos; FELIPE, Emmanuelle Magdala Carvalho. **Sexualidade na escola: a voz do silêncio**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2018.

VIANNA, Cláudia. **Políticas de educação, gênero e diversidade sexual: breve história de lutas, danos e resistências**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.